

# CABO VERDE E BRASIL: PONTOS DE APROXIMAÇÃO ENTRE ORLANDA AMARILIS E CONCEIÇÃO EVARISTO

Camila Saldanha Correia Abrantes<sup>1</sup>

Luís Tomás Domingos<sup>2</sup>

## RESUMO

Cabo Verde e Brasil são países irmãos, de lados opostos do oceano Atlântico, com muitas afinidades históricas, linguísticas e culturais. Essas afinidades têm influenciado gerações de escritores, mais intensamente a partir do século XX. O presente trabalho versa sobre alguns pontos de aproximação entre duas importantes autoras de suas literaturas: a cabo-verdiana Orlanda Amarilis e a brasileira Conceição Evaristo. Para esse fim, foi selecionado um conto de cada escritora, respectivamente: “Cais-do-Sodré” e “Olhos d’Água”, sobre os quais é traçado um estudo comparativo, sob o viés sociológico da memória coletiva/social de Maurice Halbwachs e da crítica literária de Benjamin Abdala Junior, além de alguns artigos e dissertações sobre o assunto.

**Palavras-chave:** Orlanda Amarilis. Conceição Evaristo. Memória coletiva.

## ABSTRACT

Cape Verde and Brazil are brothers countries, on opposite sides of the Atlantic Ocean, with many historical, linguistic and cultural affinities. These affinities have influenced generations of writers more intensely from the 20<sup>th</sup> century. The present work deals with some points of approximation between two important authors of their literature: the Cape Verdean Orlanda Amarilis and the Brazilian Conceição Evaristo. For this purpose, a short story by each writer was selected, respectively: “Cais-do-Sodré” and “Olhos d’Água”, on which a comparative study is drawn, under the sociological bias by Maurice Halbwachs's collective/social memory and literary criticism by Benjamin Abdala Junior, as well as some articles and theses on the subject.

**Keywords:** Orlanda Amarilis. Conceição Evaristo. Collective memory.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Letras Português-Francês pela Universidade Estadual do Ceará (2010). Curso em andamento de Especialização Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia pelo Seminário Maior de Santo Agostinho em Moçambique. Graduado em Sociologia pela Universidade de Paris 8, França (1996) e graduado em Etnologia pela mesma universidade no ano de 1997. Mestre em Antropologia e Sociologia da Política e do Desenvolvimento - Universidade de Paris 8 (1998). Doutor em Antropologia e Sociologia da Política pela Universidade de Paris 8 (2002). Pós-Doutor pela Universidade Federal do Ceará (2020).

## 1. INTRODUÇÃO

Cabo Verde e Brasil são nações irmãs, “duas margens do mesmo mar” (OLIVEIRA, 2010, p. 84), com muitas afinidades históricas, linguísticas e culturais, dentre elas: ambas foram colonizadas por Portugal, de quem “herdaram” a língua portuguesa, e possuem alguns traços étnicos semelhantes, devido aos povos que cruzaram forçadamente o Atlântico, da África à América, devido à escravatura.

Diferentemente do Brasil, em que habitavam povos indígenas antes da chegada dos portugueses, Cabo Verde não era originalmente habitada, por muito tempo esse arquipélago serviu “como uma importante base para as caravelas portuguesas, que partiam para a Índia ou para o Brasil.” (idem). Desde então,

por se localizar em local estratégico para os colonizadores portugueses, o arquipélago passou a ser ponto de parada dos navegadores, de modo que a população foi sendo formada por africanos de outros locais levados para trabalhar na terra e ainda por portugueses que formavam capitânias. A mistura de portugueses e povos africanos deu origem a uma população híbrida. (BARBOSA, 2010, p. 9-10)

Por essa razão, a maior parte da população do arquipélago cabo-verdiano é mestiça, o que traz uma grande diversidade cultural para sua identidade nacional, semelhante ao Brasil, o qual também foi e é formado pela junção de vários povos, alguns que para cá se mudaram (europeus, principalmente portugueses), ou foram trazidos arbitrariamente (africanos), ou já eram nativos (indígenas).

No que se refere às relações literárias, elas se intensificaram bastante com o Modernismo Brasileiro, pois os intelectuais cabo-verdianos, na primeira metade do século XX, ansiavam por uma fonte de estímulo na busca de uma identidade nacional, dessa forma, viam o Brasil como um projeto de nação que havia prosperado, devido à cultura e ao uso da língua portuguesa, fortemente influenciados pela rica miscigenação racial que aqui ocorreu (OLIVEIRA, 2010).

E nessa troca cultural entre os dois países, os escritores cabo-verdianos homenagearam a literatura brasileira em muitas publicações, principalmente, na revista “Claridade”, periódico cultural com significativa importância para a história da literatura cabo-verdiana.

Além de tudo que já foi citado, há ainda as semelhanças climáticas, visto que tanto algumas regiões do Brasil, como as ilhas de Cabo Verde, sofrem longos períodos de seca, a qual serve de motivação maior para a migração interna brasileira e para a emigração cabo-verdiana. Aliada a seca, outros problemas do arquipélago impulsionam a partida de muitos dos seus habitantes, como a fome, o desemprego e a conseqüente falta de perspectivas para os jovens.

Por esses motivos, emigrar se tornou, desde muito tempo, a solução que o povo cabo-verdiano encontrou para escapar do infortúnio, em busca de melhores condições de vida, originando, assim, a diáspora, temática mais recorrente na obra literária dos intelectuais das ilhas, inclusive de Orlanda Amarilis, autora posta em evidência neste trabalho.

Devido a todos esses fatores de convergência entre Cabo Verde e Brasil, o tema desse artigo versará sobre alguns pontos de semelhança entre duas importantes representantes de suas literaturas, respectivamente Orlanda Amarilis, através do conto “Cais-do-Sodré”, e Conceição Evaristo, com “Olhos d’água”.

Dessa forma, esse trabalho propiciará um diálogo entre as duas culturas: a cabo-verdiana e a brasileira, através da análise de elementos comuns aos dois contos: a manifestação do conceito de “memória coletiva” de Maurice Halbwachs nas personagens, como também outros aspectos textuais que aproximam as narrativas, tais como o sincretismo religioso e marcas de oralidade.

Foram escolhidas essas duas escritoras, por se tratarem de mulheres ativistas e por fazerem de suas obras literárias, um instrumento de valorização étnico-cultural e de denúncia das injustiças sociais, pelas quais seus povos passaram e/ou que elas mesmas experimentaram.

## 2. ORLANDA AMARILIS E AS REMINISCÊNCIAS DA AUTORA NO CONTO “CAIS-DO-SODRÉ”

Orlanda Amarilis Lopes Rodrigues Fernandes Ferreira (1924-2014)<sup>3</sup> nasceu na cidade de Assomada, Santa Catarina, Cabo Verde. Realizou seus estudos primários na cidade de Mindelo, na ilha de São Vicente, depois concluiu os estudos secundários em Goa, onde viveu por seis anos, finalizando seus estudos do Magistério Primário e, posteriormente, também, o curso de Inspectores do Ensino Básico. Em Lisboa, capital portuguesa, cursou Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras.

Casou-se com o escritor Manuel Ferreira em 1945, em Cabo Verde, quando, na época, ele integrava o batalhão expedicionário do exército português durante a Segunda Guerra Mundial. Foi mãe de dois filhos, o primeiro nascido em Cabo Verde, e o segundo em Goa. Orlanda pertenceu à família de grandes ícones literários, como por exemplo Corsino Lopes da Silva, Baltazar Lopes da Silva, Ivone Ramos, Yolanda Morazzo Lopes da Silva. Seu pai, Armando Napoleão Fernandes, foi o primeiro a elaborar um dicionário crioulo-português.

Seu ativismo social manifestou-se através de seu engajamento em algumas atividades importantes, tais como “Movimento Português contra o Apartheid”, “Movimento Português para a Paz”. Iniciou sua carreira literária com publicações avulsas, a primeira delas na revista *Certeza* (1944), periódico com grande contribuição para a literatura cabo-verdiana. Além da revista *Certeza*, outros periódicos, como *Colóquio/Letras*, *África*, *Loreto 13*, entre outros. Seus escritos participaram de várias antologias, e ela também publicou três coletâneas de contos: *Cais do Sodrê té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos pássaros* (1983) e *Casa dos Mestros* (1989).

Como se pode observar na sua biografia, Orlanda também viveu na diáspora, pois, assim como muitos de seu povo, precisou alçar voos mais altos do que o que a ilha lhe permitiria, logo que, em Cabo Verde, não havia instituições de ensino superior na época. Essa experiência diaspórica de Orlanda se reflete na construção de suas personagens, como a protagonista de um dos dois textos em análise nesse trabalho. O primeiro conto da coletânea *Cais do Sodrê té Salamansa* nos traz a história da personagem cabo-verdiana Andresa, a qual

---

<sup>3</sup> Foi utilizada como fonte de pesquisa dos dados biográficos de Orlanda Amarilis o prefácio elaborado por seu esposo, o também escritor e crítico literário Manuel Ferreira, presente na segunda edição da coletânea de contos *Cais do Sodrê té Salamansa*, de 1991.

retratará a sina de seus muitos conterrâneos, os quais precisam deixar o arquipélago de Cabo Verde em busca de melhores condições de vida, de trabalho, e de sobrevivência.

No dado contexto, Portugal seria a melhor opção para imigração, uma vez que é um dos países que integra o continente europeu e possui a língua portuguesa como idioma, o que, de certa forma, facilita a adaptação ao novo lugar, o que nem sempre ocorre de forma verdadeiramente integralizadora, devido às grandes dificuldades de natureza econômica e cultural, pelas quais os imigrantes costumam passar.

Consequentemente, se estes não conseguem se integrar na nação de chegada, passarão por momentos difíceis de integração cultural e social, o que resultará em solidão e saudade da terra natal. E são provavelmente esses sentimentos que farão com que a personagem Andresa sempre busque interagir com as pessoas que são do seu país, as quais também estão na diáspora: “De há algum tempo para cá acontece-lhe isto. Vê um patricio, sente necessidade de lhe falar, de estabelecer uma ponte para lhe recordar a sua gente, a sua terra.” (AMARILIS, 1991, p. 15).

A protagonista do conto “Cais-do-Sodré” já vive em Portugal há quinze anos, porém ainda não se sente integrada e é essa sensação de “não sentir-se em casa” que a leva a iniciar conversa com os conterrâneos que encontra, casualmente, em Lisboa, na expectativa de desfrutar de um momento agradável:

Oh gente, se encontra pessoas, como ela, vindas daquelas terras de espreguiçamento e lazeira, associa-as quase sempre a uma ou outra família. Se não as conhece, bom, de certeza conheceu o pai ou o primo ou o irmão, ou ainda uma tia velha, doceira de fama, até talvez uma das criadas lá da casa. E a conversa, por esse elo, estende-se, alarga-se, num desfolhar calmo, arrastado, saboroso quase sempre. (AMARILIS, 1991, p. 11)

Na passagem acima, podem-se observar os seguintes aspectos: “terras de espreguiçamento e lazeira” faz alusão à ideia de refúgio, de relaxamento, do “sentir-se em casa”, de que Andresa tanto sente falta na terra de chegada e que a faz introduzir um diálogo com seus patricios, o qual costuma ocorrer “num desfolhar calmo, arrastado, saboroso quase sempre”. Sobre esse tipo de conversa, muito comum nas narrativas amarilianas, comenta Abdala (1999, p. 85):

Orlanda Amarílis incorpora o “papiã” caboverdiano. As conversas costumam as narrativas, que se iniciam no Cais-do-Sodré e se dirigem aos subúrbios, uma linha vetorial que chega a Cabo Verde. A imagem da costura ou tecedura é aqui adequada

para explicar o processo de composição de Orlanda Amarílis - uma produção artesanal, restrita aos papereiros domésticos.

Entretanto, nem sempre a expectativa de Andresa por uma boa conversa se concretiza na realidade da personagem. Com o desenrolar da conversa, o interesse em interagir com os conterrâneos cede lugar ao desencanto de perceber que as afinidades que ela julgara ainda ter com eles não mais existem, devido ao longo tempo na nova terra: “Entretanto, feito o contacto, o desencanto começa a apoderar-se dela. Qualquer coisa bem no íntimo lho faz sentir. Não há afinidades nenhuma com as pessoas de há quinze anos para trás. Nem são as mesmas.” (AMARILIS, 1991, p. 15).

Através das sensações da personagem principal, tanto ao desejar diálogos com seus compatriotas, quanto ao se desencantar com essas interações, percebe-se que há uma forte afetividade à terra e uma intrínseca relação com a língua de origem. Essa conexão, mesmo com quinze anos de convivência com o sotaque europeu, não enfraquece, como se pode perceber no trecho: “Conchêl, porquê? Dondê?” (AMARILIS, 1991, p. 11), além de várias marcas de oralidade presentes na obra, por exemplo, nos pensamentos de Andresa e no diálogo tecido com a conterrânea Tanha.

Os indícios da linguagem oral são resultantes da imbricação da língua portuguesa culta, oficial, com a língua crioula, muito mais usada pela população que a primeira. Sobre essa mescla linguística, descreve Abdala (1999, p. 80 e 81), no que se refere aos “signos da identidade cabo-verdiana” (idem):

[...] é central a língua literária de Orlanda Amarílis, um português padrão entrecruzado pela cadência oral do crioulo, ou língua caboverdiana. São dois níveis culturais que se disputam: o da literatura, modelada por uma tradição europeia milenar (secular, se fizermos um recorte ligado à formação dos estados nacionais); e o da literatura oral (ou oralitura), em que o contributo das culturas africanas é essencial. Interessante a se assinalar é que Andresa, a personagem central do conto, que se encontra na estação de Cais-do-Sodré em Lisboa, vê-se enredada de tal maneira pela língua de identidade nacional, que parece ter simbolicamente seus passos orientados por sua lógica discursiva. Numa das imagens centrais dessa narrativa, extensiva ao conjunto das produções de Orlanda Amarílis, essa personagem parece modelada pela língua, tornando-se uma atriz que expressa a sua maneira de ser enquanto produto originário de duas culturas.

Desse modo, as características narrativas e linguísticas do conto “Cais-do-Sodré” remetem o leitor ao universo da contação oral de histórias.

Voltando ao comentário de Abdala (1999, p. 85), já registrado nessa seção, no que se refere às narrativas de Amarilis, as quais são costuradas pelas conversas das personagens, esse estilo de “costura” narrativa é favorecido pelo uso do discurso indireto livre. Dessa maneira, o foco narrativo escolhido por Orlanda é o do narrador-observador, o qual demonstra ser também onisciente e nos transmite a sensação de que sua narração está interligada aos pensamentos da personagem Andresa, através do uso do discurso indireto livre, como no trecho: “Andresa rebusca na memória a cara parada na sua frente. Parece daquela gente de nhô Teofe, um de S. Nicolau a quem os estudantes tinham alcunhado Benjamim Franklin. Ou será parente de nhô Antônio Pitra, irmão do Faia há muito embarcado para a Argentina?” (AMARILIS, 1991, p. 11).

Esse estilo de foco narrativo acontece em quase toda a história. Desse modo, a estilística narrativa de Amarilis tende a envolver mais o leitor, pois ele também passa a tomar conhecimento dos pensamentos da personagem, através da alternância do narrador.

A coletânea *Cais-do-Sodré té Salamansa* refere-se em seu título a uma estação muito conhecida de Lisboa, “Cais-do-Sodré”, e a uma praia de Cabo Verde, também famosa “Salamansa”, ou seja, pode-se dizer que a vida na diáspora se inicia na terra de chegada, podendo um dia voltar à terra de origem, talvez esse tenha sido o intuito de Amarilis, ao nomear assim a obra, pois “com a evasão, outro sentimento aflorou nos cabo-verdianos, o desejo do antipasargadismo, isto é, o desejo de retornar à terra natal sentido por aqueles que haviam partido, ou ainda a vontade de não partir e resolver os problemas no próprio país.” (BARBOSA, 2010, p. 11)

Dessa maneira, pode-se dizer que Orlanda nunca se desligou, afetivamente, de suas origens, apesar do longo tempo que passou fora das ilhas e, por isso, sua obra gira em torno do cotidiano das pessoas que vivem em Cabo Verde ou de quem está na diáspora. Retratou, principalmente, mulheres, as quais nem se integravam no lugar de chegada, nem poderiam voltar ao lugar de partida, pois as circunstâncias adversas da terra-mãe permaneciam as mesmas e não propiciavam um retorno próspero.

Entretanto, ao nomear sua coletânea com um nome de uma praia de Cabo Verde, demonstrou também sua esperança de que, um dia, seu povo não precisasse partir para viver melhor, ou que pudesse se ajudar mútua e solidariamente, como analisa Benjamin Abdala (1999, p. 80) nas obras amarilianas:

[...] o que poderia ser denúncia da situação da mulher caboverdiana acaba também por constituir uma forma solidária de encontro. O texto, assim, não deixa de ser manifestação utópica: uma manifestação da vontade da escritora que acredita que as coisas possam ser diferentes do que são e se seu leitor, como boa parte de suas personagens, não pode modificar o mundo, poderá pelo menos modificar suas atitudes diante dele.

No que se refere ainda à afetividade com as origens, a qual surge nos textos de Orlanda através de lembranças trazidas à memória das personagens, Maria Aparecida Santilli (1985, apud ABDALA, 1999, p. 77-78) reflete sobre o estilo amariliano:

Neste último livro de contos, confirma-se o processo de elaboração da coleção anterior da Escritora, *Cais-do-Sodré té Salamansa*, fundamentalmente organizada sobre os sulcos da memória, por convergência de pequeninas e múltiplas vertentes das recordações, canalizadas na rede de vasos comunicantes da intriga de ficção. A memória funciona, então, como sistema de estímulos para se irem abrindo as comportas da interligação de muitas caixinhas de segredo, revelando a pouco e pouco o retrato caprichoso de suas mal-amadas heroínas.

### 3. CONCEIÇÃO EVARISTO E A “ESCREVIVÊNCIA” DA AUTORA EM “OLHOS D’ÁGUA”

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu<sup>4</sup> em 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Foi criada em uma comunidade no alto da Avenida Afonso Pena e trabalhou como empregada doméstica até 1971, quando pôde terminar os estudos secundários no Instituto de Educação de Minas Gerais.

Em 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro, momento em que obteve aprovação para o magistério. Formou-se em Letras, posteriormente, cursou mestrado, doutorado, e em seus trabalhos acadêmicos sempre defendeu a valorização da cultura afro-brasileira. Participa de diversas revistas e publicações, nacionais e internacionais, cuja temática seja a afrobrasilidade.

Em 1990, seus textos foram publicados pela primeira vez, na antologia *Cadernos Negros*, da editora Quilombhoje. A coletânea de contos *Olhos d'água*, ganhou o Prêmio Jabuti em 2015 e, quatro anos depois, foi homenageada como Personalidade Literária. Atualmente, Conceição trabalha como professora visitante na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Entre romances, contos, poesias e ensaios, sua obra trata de racismo, desigualdade e discriminação de gênero e classe, a escritora trata do universo da mulher negra a partir da “escrevivência”, termo criado por ela para fazer referência ao estilo de escrita que se origina do cotidiano, das lembranças e da experiência de vida, como ela mesma explicou em uma entrevista feita em 2020, pelo Itaú Social, sobre a origem e funcionalidade do termo:

Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Os dados biográficos foram extraídos da Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, cujo endereço digital consta nas referências bibliográficas desse trabalho.

<sup>5</sup> SANTANA, T. & Zapparoli, A. **CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”**, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> Acesso em 2 jan 2022.

Dessa maneira, pode-se depreender de sua biografia e de seu relato, que suas narrativas resultam de sua própria vivência, ou da vivência de outros semelhantes seus, que ela tenha, provavelmente, presenciado ou ouvido. Inclusive a obra em questão, “Olhos d’água”, conta a história de uma mulher negra, personagem sem nome, a qual vivia com a mãe e as irmãs, porém teve que deixá-las à procura de melhores condições de sobrevivência em outra cidade: “Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás.” (EVARISTO, 2018, p. 18)

Antes de se conhecer essa parte da trajetória da personagem, a narrativa se inicia de modo a envolver rapidamente o leitor, em uma conversa que se assemelha à contação oral de histórias, com a expressão: “Uma noite, há anos,[...]” (EVARISTO, 2018, p. 15), e logo após a introdução convidativa, surge a pergunta intrigante, de que cor eram os olhos da mãe dela.

Em torno dessa pergunta vai girar todo o conto, em que a personagem, na tentativa de se lembrar da cor dos olhos da mãe, resgata muitas memórias de seu convívio com ela e com as irmãs, pois, mesmo tendo deixado sua cidade de origem, a protagonista nunca perdeu sua ligação afetiva com as mulheres de sua família, inclusive com as ancestrais, como no trecho:

Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. (EVARISTO, 2018, p. 18)

Com o foco narrativo na primeira pessoa do singular, o conto “Olhos d’água” se torna mais próximo do leitor, e outros fatores que contribuem para isso são a oralidade e a afetividade presentes na linguagem escrita, como na seguinte passagem:

Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupas alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. (EVARISTO, 2018, p. 16)

No trecho acima, o uso das expressões, como “lava-lava”, “passa-passa” remetem às marcas de oralidade, assim como “rimos e rimos e rimos”, o que nos remete à espontaneidade

da cena, em que as filhas se enganam ao pensar que uma verruga na cabeça da mãe fosse um carrapato, trazendo, dessa forma, as reminiscências das relações afetivas familiares do passado, o que ocorre também com a utilização das palavras: “boneca-mãe”, “bichinho”.

Essa mesma oralidade reforça a “escrevivência” da autora Conceição, fato que a própria escritora, em entrevista já mencionada (2020), relata:

Há também a oralidade. Esse contato com a oralidade vai influenciar todo o meu projeto estético de literatura. Eu quero escrever o mais próximo possível da oralidade. E sem perder essa noção de que estou trabalhando com a arte da palavra. O texto oral me seduz muito porque existe, por exemplo, uma poética do corpo, uma poética da voz. Isso me chama muita atenção, me seduz muito. Eu lembro muito da expressão da minha mãe, das frases suspensas da minha tia, que já faleceu, do meu tio velhinho que quando contava uma história, se o personagem caía no chão, ele também se jogava no chão. [...]. Como a escrita, se a gente for pensar, é uma traição do corpo... Por mais que você queira, a escrita não traduz o seu corpo. A escrita é silenciosa, ela é sozinha, ela requer que o outro sujeito saiba ler para perceber essa escrita. Já um texto oral, não. O olhar, o gesto, a palavra suspensa no ar. [...] Observar e lidar com essa performance do corpo, foi muito importante no sentido de buscar essa palavra desesperadamente, para traduzir essa performance, ou até para trair essa performance, na medida que a palavra não dá conta. Então eu gosto muito de pensar sobre isso. E opto nesse sentido. Por exemplo: se vou escrever um texto, eu acho que posso optar por uma palavra não erudita. [...] Eu opto sempre pela maneira não erudita, que normalmente é a maneira que vivifica a linguagem oral.

Ainda falando sobre a “escrevivência”, a história da personagem protagonista pode ser confundida com a da própria autora, pois ambas viveram em condições de muita pobreza e possuem forte relação afetiva com a mãe, como já foi citado, anteriormente, que a personagem, apesar da distância e do tempo, nunca esquecera sua mãe, semelhantemente a Evaristo (2020), a qual fala sobre sua relação com a mãe:

Apesar de todas as carências que tivemos na infância, a minha mãe foi sempre uma pessoa muito presente, que estava muito próxima. É engraçado que na casa dela, aqui em Contagem, tem dois pés de jabuticaba e eu fico olhando aquele pés de jabuticaba, as frutinhas negras, pretas, agarradas ao tronco... Me dá sempre a ideia da minha mãe e da gente agarrada com ela, mulher de pouca leitura, mas de muita sabedoria, de muita palavra, de muita capacidade de observação da vida. Sem sombra de dúvida, a minha literatura nasce muito dessa experiência, dessa convivência, desses ensinamentos.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Idem.

Voltando ao conto “Olhos d’água”, no trecho abaixo, a personagem expressa suas condições sociais, através de um resgate da memória, a qual foi construída de “ouvir” sua mãe, como também de viver sua própria experiência:

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. (EVARISTO, 2018, p. 16)

No decurso da narrativa, as lembranças da personagem dão vazão ao fluxo da memória, ela descreve suas vivências com sua família primária: mãe e irmãs, memórias afetivas de sua infância. E o fluxo das memórias é interrompido no momento em que ela decide voltar para a casa de sua mãe: “E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci.” (EVARISTO, 2018, p. 18)

A protagonista toma a decisão de regressar, e o que a leva a retornar é uma imprescindível vontade afetiva de rever sua mãe: “Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita.” (Idem)

E a personagem afirma que estava aflita, provavelmente pelo longo tempo que não via sua progenitora, não se sabe quanto tempo estava fora, contudo estava igualmente satisfeita, como quem termina um ciclo, retornou ao seu lugar, onde tudo havia começado, sua história de vida.

E a descrição do reencontro com sua mãe parece ser um fato recente, porém, na verdade, também fazia parte do fluxo da memória, o qual é percebido através da ruptura temporal que o narrador provoca, através do advérbio “hoje”:

“Abraçei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas. Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha.” (EVARISTO, 2018, p. 19)

Existe a repetição de certos fatos do passado na geração seguinte, alguns negativos, como a condição de pobreza em que a mãe da personagem vivia quando criança e a filha também veio a viver, como no trecho já citado na página anterior (EVARISTO, 2018, p. 16).

E há também a repetição de fatos positivos, como a relação afetuosa entre mãe e filha, a qual se manifestou quando aquela filha tornou-se mãe e brinca com sua filha:

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: — Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2018, p. 19)

#### 4. PONTOS DE APROXIMAÇÃO ENTRE “CAIS-DO-SODRÉ”, DE ORLANDA AMARILIS E “OLHOS D’ÁGUA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Para a comparação dos dois contos, foi escolhido um viés sociológico, tendo a memória como foco, conforme o ponto de vista de Maurice Halbwachs (1877-1945), sociólogo francês, o qual postulou o conceito de “memória coletiva” em contraposição ao conceito de memória individual, em que esta não pode existir isolada daquela, pois, mesmo quando o indivíduo vivencia eventos sozinho, na realidade, não está totalmente sozinho, visto que tudo de que este consegue se recordar é resultado de suas interações com outros e/ou de informações adquiridas através de outros<sup>7</sup> (HALBWACHS, 1990, p. 16-17)<sup>8</sup>.

Nesse âmbito, essas interações com outros ocorre sempre em grupos, os quais podem ser chamados de grupos sociais ou grupos de referência<sup>9</sup>, tais como: a família e os amigos, em que estes poderão surgir em diversos contextos, por exemplo, na escola, no trabalho, no bairro onde se mora, entre outros.

Desse modo, o fenômeno de recordação das lembranças poderá ser intenso à medida que o grupo social do qual o indivíduo faz parte ainda esteja ativo, pois, no passar do tempo, quando o grupo é desfeito, ou simplesmente, fica inativo, as recordações se esvanecem pouco a pouco, porque não mais existe a comunidade afetiva, em que elas foram geradas.

Sobre a percepção compartilhada de recordações, Halbwachs (1990, p. 22) afirma:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum.

<sup>7</sup> Exemplificando uma das possíveis situações do conceito de memória coletiva, pode-se citar a visita de um turista solitário à cidade de Paris. Para se preparar para esse momento, ele buscará informações sobre os principais pontos turísticos com amigos ou especialistas, e ao visitar os lugares recomendados, ele irá se recordar de tudo aquilo que lhe fôra dito sobre o assunto, então, dessa forma, a visita à cidade de Paris não ocorrerá de maneira solitária, pois os amigos ou especialistas estarão internalizados na mente do turista, à medida que este reconhecer as informações que aqueles lhe deram. Ou seja, o que poderia ser considerado como memória individual, na verdade, não o é, pois estará alicerçada na memória coletiva. Dessa forma, o turista estará só apenas na aparência, pois, internamente, seguirá seu roteiro acompanhado pelos amigos ou especialistas.

<sup>8</sup> Para a elaboração dessa pesquisa, foi utilizada a versão traduzida (1990) do idioma original francês para a língua portuguesa da obra *Memória coletiva*, de Maurice Halbwachs. A primeira edição original ocorreu, postumamente, em 1950.

<sup>9</sup> A expressão Grupo de Referência [...] designa um grupo com o qual um indivíduo se identifica e no qual procura as normas e os valores e do qual deseja adotar o estilo de vida. Desta forma, os valores, as atitudes e os comportamentos serão condicionados pelo seu grupo de referência. (Extraído de Knoow Net Enciclopédia Temática < <https://knoow.net/ciencsocialshuman/sociologia/grupo-de-referencia>> Acesso em 17 fev 2022)

No trecho acima, depoimentos se referem às memórias compartilhadas em grupo, por seus componentes, as quais devem possuir pontos de contato, para o fortalecimento dos vínculos entre os participantes do grupo, como por exemplo, os momentos da vida estudantil que são lembrados e partilhados em encontros de ex-alunos, os quais protagonizaram esses momentos em comum. Nesses eventos, os integrantes estão dispostos a manter seus elos, para que, mesmo com o passar de muitos anos, a amizade deles perdure.

Contextualizando o que foi dito com a personagem Andresa, do conto “Cais do Sodré”, percebe-se, como já foi falado em outra seção anterior, que ela anseia em manter ligação com suas origens, seu país, e por esse motivo, toma a iniciativa de conversar com os conterrâneos que encontra na capital portuguesa.

Contudo, nem sempre a conversa serve ao seu propósito, devido à ausência de pontos de contato entre as pessoas envolvidas no diálogo, gerando um sentimento de frustração, em que a protagonista chega a pensar que não existe mais vínculo com as pessoas de sua terra: “Entretanto, feito o contacto, o desencanto começa a apoderar-se dela. Qualquer coisa bem no íntimo lho faz sentir. Não há afinidades nenhuma com as pessoas de há quinze anos para trás. Nem são as mesmas.” (AMARILIS, 1991, p. 15).

Apesar do desencanto, Andresa continua a tentar restabelecer conexão com as pessoas oriundas de Cabo Verde, provavelmente pela necessidade que sente de aplacar a saudade da terra de origem, por isso busca, na diáspora, um grupo de referência, uma comunidade afetiva que lhe traga conforto e com quem possa compartilhar lembranças da terra-mãe, o que só vai ocorrer com a personagem Tanha, com quem descobrirá que há elementos comuns, fator necessário para a reconstrução das memórias, como analisa Maurice (1990, p. 22):

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de' dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

Portanto, os dados comuns que permitirão a reconstrução de memórias entre Andresa e Tanha será a descoberta de que o pai de Tanha é o Simão Filili, personagem que impunha temor e respeito, acerca do qual existiam muitas histórias:

“Por artes de maçonaria ele costuma fazer aparecer um vapor de guerra ao bater da meia-noite. Gentes já o tem visto, todo fardado de branco. Nha Xenxa mora mesmo par cima da Pontinha e sente-o toda a santa noite. É um arrastar de ferros e é nhô Simão a gritar a noite inteira para a marinhagem.” (AMARILIS, 1991, p. 16)

Dentre todas as tentativas de diálogos com os conterrâneos que viviam em Lisboa, apenas Tanha foi capaz de despertar em Andresa as lembranças mais distantes, dos tempos de infância desta:

Andresa relembra estes sucedimentos e afigura-se-lhe nunca terem acontecido, tanto mais, mal assistira a eles. Ainda uma vez, Bia Antonia, à noite, sentada como de costume, no caixote ao pé da escada de acesso ao quintal, desfia o resto desta história de gongom. [...] Andresa relembra tudo isto com tanta minúcia como se se nunca se tivesse despegado da Mãe-Terra e tivesse continuado as pegadas de nhô Simão Filili, de nhô Faia, de Antoninho Ligório, do Pitra. (AMARILIS, 1991, p. 17-18)

Conforme Halbwachs (1999, p. 22), quando “dois [...] grupos entram em contato, o que lhes falta precisamente para se compreenderem, se entenderem e confirmarem mutuamente as lembranças desse passado de vida comum é a faculdade de esquecer as barreiras que os separam no presente.” E foi assim que ocorreu em “Cais do Sodré”, Andresa e Tanha esqueceram os quinze anos que as separavam e esse reencontro promoveu em ambas uma sensação de conforto, principalmente para Tanha que havia perdido seu pai há poucos meses.

No que se refere ao conto brasileiro “Olhos d’água”, a protagonista também esqueceu o distanciamento de tempo e espaço que a separava de sua mãe e foi em busca dela, e esse reencontro causou em ambas sensação de alegria e gratidão às ancestrais por terem possibilitado esse encontro.

Muitas vezes as pessoas deixam de conviver com alguns grupos e, com o tempo, se o contato não for renovado, as lembranças desaparecem pela falta de convívio e foi isso que angustiou a protagonista do conto brasileiro “Olhos d’água”, quando, em uma determinada noite, percebeu que não se lembrava de que cor eram os olhos de sua mãe.

Nas duas obras, ocorre um reencontro. Em “Cais do Sodré”, Andresa reencontra, depois de quinze anos, Tanha e, conseqüentemente, seu passado, sua infância. Em “Olhos d’água”, a protagonista reencontra a mãe, após muito tempo, e conseqüentemente, sua ancestralidade.

Portanto, não existem memórias construídas isoladamente, conforme os estudos de Halbwachs que defendeu a ideia “da memória que ultrapassa o plano individual [...]. Segundo esse autor, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. (HALBWACHS, 2006, apud LEAL, 2012)

Sobre a comunidade afetiva, pode-se afirmar que as recordações individuais que povoam a mente da personagem Andresa, no conto cabo-verdiano “Cais-do-Sodré”, não foram constituídas sozinhas, mas em comunidade, na sua terra de origem, envolvendo seus conterrâneos, tais como Simão Filili e Bia Antonia. Recordações essas que foram “despertadas” na conversa com sua conterrânea Tanha: “Agora sim, Andresa conseguiu mais ou menos os cordéis e sente-se à vontade. Quem poderia esquecer o homem pequenino e chupado daquela casa vermelha ali no Alto de Celarine?” (AMARILIS, 1991, p. 13)

Da mesma forma, no conto brasileiro, as lembranças da protagonista, principalmente as de sua infância, envolvem também outras pessoas participantes dos eventos vividos, como sua mãe e suas irmãs: “E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado...” (EVARISTO, 2018, p. 17)

Voltando ao conceito de grupos de referência, já citado anteriormente, são eles que consolidam as experiências vividas, os quais seriam: no conto cabo-verdiano, a comunidade cultural/familiar a qual Andresa pertenceu no passado, no seu país de origem, Cabo Verde; e no brasileiro, seria a família da protagonista, a qual permaneceu na sua cidade natal.

Por não interagirem mais com seus grupos de referência, as lembranças tendem a desaparecer, o que Andresa quer evitar, mesmo que, inconscientemente, ao tentar sempre interagir/conversar com seus conterrâneos: “Sabe, eu estava a olhar para si porque vi logo ser gente da minha terra”, continuou Andresa, olhando e sorrindo para a figura seca de carnes sentada a seu lado. Esta sorriu também. Um sorriso tímido e descansado. [...] (AMARILIS, 1991, p. 11)

Apesar de ter sido a própria Andresa, a qual mora em Portugal há quinze anos, a iniciar a conversa, como no trecho já citado, é ela também que, nos seus pensamentos, não quer mais continuá-la:

Andresa ajeita a mala sobre os joelhos, acaricia o fecho de tartaruga, num gesto vago, sem atinar porque dera conversa à senhora. Conchêl, porquê? Dondê? Só se for do tempo de chá de fedegosa. Sou mesmo disparatada. Se eu era Andresa Silva, Andresa filha de nhô Toi Silva de Casa Madeira? Sim senhora, sou Andresa, sobrinha de nh'Ana, filha de nhô Toi. É sim. Mais conversa pã mode quê? Ainda hei-de perder essas manias. Manias de dar treta a todo biscareta da minha terra. Apareça-me pela frente seja quem for, não conheço, acabou-se. (AMARILIS, 1991, p. 11)

Entretanto, Andresa não consegue finalizar a conversa, como na seguinte passagem: “Andresa pisca os olhos e surpreende-se a responder. És tu mesma, Andresa, és tu a dar sequência a esta conversa insípida. Poderias tê-la evitado, mas as conversas são assim. Têm um fio, um caminho a percorrer. Não te admires pois por te teres arriscado.” (AMARÍLIS, 1991, p. 11-12).

Sobre essas atitudes e sentimentos contraditórios que cerceiam Andresa, Abdala (1999, p. 83) comenta:

Voltando ao início do conto, podemos visualizar a personagem Andresa na estação de Cais-do-Sodré. Sua primeira reação, ao se encontrar com sua compatriota Tanha, foi se afastar. Entretanto, as funções sociais da linguagem, imbricadas na fala de Andresa, acabaram por determinar uma lógica discursiva mais forte que suas motivações conscientes. A interlocução, como forma de sociabilidade, acabou por enredar na própria fala da personagem os signos de identidade (individual e nacional). A estratégia discursiva da conversa é de domínio geral: perguntas para se levantar laços de parentesco, uma familiaridade ou fraternidade. A terra-mãe torna-se assim, desde uma distância metropolitana, uma imagem utópica de vida comunitária, contraposta às relações cotidianas da grande cidade. Conversa vai, conversa vem, Andresa acaba por descobrir a origem da interlocutora: ela era filha de Simão Filili. Essa personagem marcou parte do imaginário de Andresa, quando ela ainda era criança. Simão Filili, pelas margens da sociedade de Mindelo, foi personagem de impacto por afrontar comportamentos tradicionais.

Conforme descrito por Abdala, Andresa não resistiu à conversa com Tanha, inconscientemente pela própria linguagem partilhada por ambas, como se até mesmo a necessidade linguística de falar com um patrício tivesse dominado a personagem, até o ponto em que ela descobre a origem familiar de Tanha e essa se torna a ponte tão desejada por Andresa com as memórias de sua terra, especificamente de sua infância, como se percebe na seguinte parte do conto:

Agora sim, Andresa conseguiu mais ou menos os cordéis e sente-se à vontade. Quem poderia esquecer o homem pequenino e chupado daquela casa vermelha ali no Alto de Celarine? Só quem nunca tivesse ouvido contar histórias de gongon, histórias de correntes arrastadas na estrada da Pontinha, em noites de ventania, por artes do xuxo, ou das trupidas dos cavalos a atravessarem a morada por volta da madrugada. O povo só se lhes referia ao barulho fragoroso das patas raspando o empedrado. Andavam a

pregar a tumba de nhô Vendido dizia-se. Nha Xenxa, viúva de nhô João Sena, contava, e a voz velava-se-lhe de medo [...] (AMARILIS, 1991, p. 13)

No trecho acima, pode-se perceber que as memórias coletivas de Andresa estão relacionadas à religião, conforme Abdala (1999, p. 84) analisa:

Nessa situação narrativa que incorpora o “causo” de Simão Filili - uma história encaixada dentro do conto - é notória a religiosidade cristã da ideologia oficial, que não aceita a diferença do outro: um maçom, relegado à solidão. Nesses relatos originários da oralitura, o fantástico vem de fontes culturais crioulas, na mescla do misticismo das culturas africanas com o dos primitivos colonos portugueses que vieram ter ao arquipélago. Simão Filili, no passado, despertou medo na menina Andresa; agora, no presente da enunciação, sua figura é recuperada com empatia.

Memórias essas adquiridas pelo “ouvir” as histórias da criada da casa:

Bia Antónia, a velha criada da casa, era quem contava estas e outras patranhas à Andresa. Depois do jantar, Bia Antónia sentava-se num caixote, perto da escada, na varanda sobranceira ao quintal. Entre duas fumaças do canhoto sempre dependurado no canto da boca, a serva desfiava um ror de histórias. (AMARILIS, 1991, p 16).

No que se refere a Bia Antonia, ela é a representante dos antigos “griots” africanos, na narrativa de Orlanda Amarilis (ABDALA, 1991, p. 85), uma vez que expressa todo um conjunto de histórias cheias da tradição e da religião africanas, “a memória da terra - sempre uma terra-mãe.” (idem). Nos relatos de Bia, a religião local é vista pelo olhar de quem adotou a religião católica, o que denota certo sincretismo religioso, pois, apesar da religião de Simão Filili ser vista com preconceito, todavia ele é respeitado por sua comunidade local.

Está presente, similarmente, na obra de Conceição Evaristo, “Olhos d’água”, o sincretismo religioso, o qual faz parte da cultura brasileira. A mãe da personagem, conforme suas lembranças, reflete a religião cristã católica: “E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós.” (EVARISTO, 2018, p. 17)

Já a filha manifesta sua crença na ancestralidade, a qual pode-se depreender que, da mesma maneira, foi lhe transmitida por sua mãe:

“E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias [...] Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe.[...] A cor dos olhos

de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamã Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamã Oxum.” (EVARISTO, 2018, p. 18-19)

Voltando à presença da memória coletiva no conto brasileiro, a protagonista de “Olhos d'água” ao perceber que não se recorda da cor dos olhos de sua mãe, toma a enérgica atitude de retornar a sua cidade de origem: “E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci.” (EVARISTO, 2018, p. 18)

Antes, porém, de tomar essa decisão, ela revisita as memórias coletivas que havia construído com sua mãe e irmãs:

Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo...da verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas [...]. (EVARISTO, 2018, p. 16)

Na narrativa, a personagem também deixa claro que se recorda, não só do que viveu com sua mãe, mas também do que ouviu de sua mãe, de histórias que ela contava: “Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas.” (Idem)

O conto “Olhos d'água” é todo escrito sobre as lembranças individuais da personagem, relativas às memórias coletivas que possui com as mulheres de sua família. O universo dessa obra de Evaristo é completamente feminino.

À semelhança de Andresa, do conto “Cais-do-Sodré”, a protagonista brasileira também guarda uma forte relação com seu passado afetivo familiar.

Da mesma forma que Andresa, ela não tem laços com a terra, com o lugar em si, mas sim com as pessoas de sua família ou cultura. Andresa não menciona sua família, e sim, a criada de sua casa, a contadora de histórias, Bia Antonia, e as “personagens” de seus “causos”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, então, com a análise dos dois contos trabalhados nesse artigo que o cultivo da memória coletiva é elemento imprescindível para a preservação da identidade de um povo, principalmente no que tange às religiões de uma nação, em que um credo religioso não deve se sobrepor aos demais, mesmo que um deles seja compartilhado pela grande maioria da população. Quando se trata de nações multiculturais, como Cabo Verde e Brasil, em que há vários grupos com uma gama diversificada de culturas, é necessário que se lute pela preservação de todas elas.

Através da comparação desses dois contos, podem-se perceber os elementos comuns das duas principais personagens, ambas tiveram que se mudar de sua terra natal, buscaram manter vivas sua conexão com o passado, através de suas lembranças e interações linguísticas e culturais, partes integrantes da memória coletiva. A ligação afetiva com a terra, no caso de Andresa, no conto cabo-verdiano, e a ligação da protagonista com sua mãe, no conto brasileiro, faz com que as personagens, cada uma a seu modo, tenha um “retorno” às origens.

Em “Cais-do-Sodré”, Andresa, após relutar consigo, acaba decidindo acompanhar a conterrânea Tanha até a cidade de Caxias, e, assim, provavelmente, continuar revivendo suas memórias e histórias ouvidas de quinze anos atrás, e pelo que a narrativa revela, essa teria sido a primeira vez, depois de muitas tentativas de interação com seus patrícios, em que ela encontra a parceira certa com quem dividir o saudosismo com a “Terra-mãe” e pôde se reconectar com ela, mesmo tão distante geograficamente.

Em “Olhos d’Água”, a protagonista volta literalmente a sua terra “aflita, mas satisfeita”, como quem finaliza uma missão, um ciclo, e leva uma oferenda à ancestralidade: a descoberta da cor dos olhos de sua mãe.

Finalmente, é imprescindível o resgate literário da memória coletiva de Cabo Verde e Brasil nos aspectos culturais e identitários de dois povos irmãos, na construção de uma sociedade mais justa, a qual reconheça na diversidade uma riqueza cultural, e não inferioridade e fraqueza.

## 6. REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, B. (1999). **Orlanda Amarílis, literatura de migrante**. *Via Atlântica*, (2), 76-89. Acesso em 19 dez. 2021

AMARILIS, Orlanda. **Cais-de-Sodré té Salamansa**. Coleção Africana. Lisboa: ALAC, 1991

BARBOSA, Lilian. **Literatura cabo-verdiana: um caso à parte**. *Revista Argumento*, v. 11, n. 17, p. 8-19, 2010. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/revistaargumento/article/view/683>. Acesso em 19 dez. 2021

BARROS, Maria Regina de. **Emigrar é preciso, viver não é preciso**. 2005. 105 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG, 2005. Disponível em [http://server05.pucminas.br/teses/Letras\\_BarrosMR\\_1.pdf](http://server05.pucminas.br/teses/Letras_BarrosMR_1.pdf). Acesso em 19 dez. 2021.

BRANDINO, Luiza. **Conceição Evaristo; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm>. Acesso em 09 de janeiro de 2022.

CARLOS, Suely Alves de. **Identidade, Memória e Gênero nas obras literárias de Orlanda Amarílis e Clarice Lispector**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós- Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP, 2009. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-08022010-152956/pt-br.php> . Acesso em 19 dez. 2021

CONCEIÇÃO Evaristo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6851/conceicao-evaristo>. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7. Acesso em 03 jan. 2022.

da Silva, E. M. T. (2010). **Cais do Sodré té Salamansa: o cabo-verdiano em exílio**. *Cadernos CESPUC De Pesquisa Série Ensaio*, 2(19), 61-70. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/7831>. Acesso em 19 dez. 2021

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2018

FUKS, Rebeca. **Conceição Evaristo. Escritora, professora e ativista brasileira**. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/conceicao\\_evaristo/](https://www.ebiografia.com/conceicao_evaristo/) . Acesso em 19 dez 2021.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. 1968, 2ª edição. Traduzido por Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990

LEAL, L. A. M. **MEMÓRIA, REMEMORAÇÃO E LEMBRANÇA EM MAURICE HALBWACHS**. *Revista Linguagem*, v. 18, n. 1, 8 páginas, 2012. Disponível em: <http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/1217>. Acesso em 2 jan. 2022

Oliveira, V. L. de. (2010). **Brasil e Cabo Verde: duas margens do mesmo mar**. *Navegações*, 3(1). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/7192>. Acesso em 19 dez. 2021

Porto Editora – *Orlanda Amarílis* na Infopédia. Porto: Porto Editora. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$orlanda-amarilis](https://www.infopedia.pt/$orlanda-amarilis). (Acesso em 19/12/2021).

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira. **Memória e Literatura: contribuições para um estudo dialógico**. *Linguagem em (Re)vista*, ano 06, n. 11/12, Niterói, 2011, p. 92-104. Disponível em [www.filologia.org.br/linguagememrevista/11/07](http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/11/07). Acesso em 8 jan. 2022

SANTANA, T. & Zapparoli, A. **CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”**. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> Acesso em 2 jan 2022.

SCHMIDT, M. L. S., & MAHFOUD, M. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. *Psicologia USP*, 4(1-2), p. 285-298, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-51771993000100013>. Acesso em 2 jan. 2022.

SEMEDO, Manuel Brito. **Porto Memória: Orlanda Amarílis, A Menina da Certeza**. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/cultura/2019/03/20/porto-memoria-orlanda-amarilis-a-menina-da-certeza/62818> (Acesso em 19/12/2021).

SILVA, Giuslane Francisca da. **A memória coletiva**. *Revista Aedos*, v. 8, n. 18, p. 247-253, 2016. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/59252/38241>. Acesso em 2 jan. 2022.